

A IMPORTÂNCIA DE CLITEMNESTRA, CASSANDRA E HELENA NA REALIZAÇÃO DO TRÁGICO EM AGAMÊMNON, DE ÉSQUILO¹

Lilia M. M. Souza²

Na idade heróica, um crime só poderia ser vingado por outro crime. Os crimes consangüíneos atrairiam as Fúrias vingadoras. As imprecações lançadas reforçariam e estenderiam a maldição original, e os excessos nas atitudes agravariam o miasma. O sofrimento seria mandado por Zeus como justiça e aprendizado, e os deuses seriam operadores da justiça, influenciando os humanos em suas decisões, sem, contudo, retirar-lhes o livre-arbítrio. Em *Agamêmnon*, Ésquilo traz de Homero várias de suas personagens, dando continuação a uma história que tem agora como mola-mestra um episódio da lenda da maldição que pesa sobre a casa dos Atridas, arrastada por gerações, desde Tântalo, passando por Pêlops, Atreu e Tiestes. Nesta geração, é principalmente sobre a cabeça de Agamêmnon que recai o peso funesto do miasma, que serve de base para o desenrolar da tragédia *Agamêmnon*, que se inicia quando se sabe do iminente regresso do herói ao palácio de Argos, depois da guerra de Tróia. Vários fatos importantes já haviam acontecido e são, durante a peça, relembrados ou mencionados por personagens ou na voz do coro. Atentemos para os exemplos colhidos, entre os muitos que há na obra, fazendo direta referência à maldição como condutora do destino dos homens.

A guerra iniciara-se porque Alexandre Páris, tendo ido à Grécia, voltara para Tróia levando Helena, mulher de Menelau, que o havia hospedado. Várias tropas gregas, então, reuniram-se em Áulis com o objetivo de partirem para Tróia, vingando em Páris o ultraje infligido a Menelau e sua família, aos gregos e ao próprio Zeus, protetor da hospitalidade.

Agamêmnon era o chefe da expedição. Durante todo o processo de preparação para a partida até seu retorno, por várias vezes excedera os limites (*hybris*) ou cometera alguma falta muito grave (*hamartya*), contribuindo para agravar e atrair para si os efeitos da maldição.

Ouvindo as interpretações de Calcas, o adivinho dos exércitos, Agamêmnon opta por sacrificar a filha Ifigênia, em troca de ventos favoráveis para buscar a glória e o objetivo da expedição bélica. Na voz do Ancião, as palavras doídias sobre o presságio de Calcas diante da decisão de Agamêmnon (v. 181-194):

... mais um sacrifício ímpio,
adverso às leis, incompatível com o júbilo,
artífice de lutas em família,

¹ Texto apresentado durante a IV Congresso de Estudos Clássicos, realizado em agosto de 2001.

² Graduação Letras-UFPR..

*amarço fim da reverência conjugal.
Já antevejo a cólera bem próxima,
terrível, inapaziguável, sem remédio,
guardiã insidiosa desta casa,
alerta sempre, sempre ansiosa por vingar
com crueldade a vítima inocente.*

Na Ilíada, rica fonte para Ésquilo, já encontraríamos exemplos de outros atos desmedidos por parte de Agamêmnon: no capítulo I, levou Criseida de seu pai e não a queria devolver; depois tomou de Aquiles a escrava Briseida, o que agravou em muito a guerra de Tróia.

Voltando à tragédia enfocada, encontramos testemunhos textuais de outros descomedimentos: na voz do arauto, as notícias da impiedade do herói sobre os vencidos e o vilipêndio aos espaços sagrados em Tróia (v. 605-611):

*pois ele destruiu a terra dos troianos,
onde não foi deixada pedra sobre pedra,
...
até os santuários foram arrasados
e o solo revolvido; Tróia outrora altiva
suporta hoje o jugo degradante e duro
imposto por nosso senhor recém-chegado.*

De volta a Argos, mesmo reconhecendo textualmente a imprudência e a arrogância do ato (v. 1057-1059), Agamêmnon, após relutar, cede e pisa o tapete vermelho que Clitemnestra lhe oferece (v. 1096-1098).

Em diversas passagens de *Agamêmnon*, é afirmada a hereditariedade do miasma e a atuação de seus efeitos sobre os descendentes da raça. Em todos os crimes ocorridos em tempo anterior ao desta peça, por causa da maldição que acompanha a família, vemos a ação de homens, e sempre com laços consangüíneos. O que nos chama a atenção em particular nesta tragédia é Ésquilo ter envolvido, num mesmo fio condutor para a realização do miasma, três mulheres, e as três sem ligação de sangue com os Atreus: Helena, Clitemnestra e Cassandra, artífices ou coadjuvantes de tramas paralelas, fazem parte da mesma rede trágica.

Helena, irmã de Clitemnestra e cunhada de Agamêmnon, não é personagem na tragédia, mas é textualmente apontada como a causadora da guerra de Tróia, é vista como mulher ousada, que deixou o marido e todos os bens que possuía para acompanhar outro homem, provocando grandes males a gregos e troianos.

É na voz do coro que, em diversas passagens, isso se dá: nos versos 77 a 79:

*Por uma dama, por Helena bela
... gregos e troianos*

travaram mil batalhas ferocíssimas.

Depois, nos versos 468 a 473:

*Ela, deixando ao povo atrás de si
...
levou a Tróia o luto em vez de dote
quando transpôs a porta da cidade,
ousando o que ninguém jamais ousara.*

E nos versos 788 a 792:

*Quem terá dado nome tão correto
a Helena bela, essa esposa de espadas,
envolta em desavenças, dor e ruínas,
nascida para destruir armadas
e perdição dos homens e cidades?*

E ainda depois da morte de Agamêmnon, nos versos 1692 a 1699:

*Ah! Louca Helena!... Foste a causa única
da destruição de muitas, muitas vidas
ao pé dos muros da arrogante Tróia!
Deste a teu feito o último retoque,
inesquecível e desesperado
desse indelével sangue derramado!
A surda desavença entrando em casa
levou um homem a terrível morte.*

Mesmo sendo mulher, não tendo sangue Atrida, e nem ao menos sendo personagem factual da tragédia, Helena, ainda que restritamente, tem participação assegurada na trama através de sua imagem, sendo várias vezes citada como responsável por fatos que conduziram à construção do trágico e como elemento de realização do miasma. Seu papel de alavanca nas mãos dos deuses para que se cumpra a ordem é textualmente atestado, ainda pelo Coro, nos versos 846 a 864:

*e a esposa recém-vinda converteu-se
na perdição de um lar, de todo um povo,
por decisão de um Zeus hospitaleiro,
mandante das lacrimogêneas Fúrias.*

*...
ações iníquas geram fatalmente
iniquiidades umas sobre as outras,*

...

*Uma arrogância mais antiga gera
nova arrogância ...
e ao se formar, a vida perpetua
a audácia ímpia como a sua estirpe,
destino negro de mil gerações.*

Clitemnestra, esposa e assassina de Agamêmnon, e irmã de Helena, por quem seu marido e as tropas lutaram, é colocada, na fala do Coro (v. 13 e 14), e na do Corifeu (v. 418 e 419), como mulher com características típicas dos homens, sabendo refletir, planejar e usar a retórica.

Essa visão da personagem é confirmada e intensificada por seus atos no decorrer da peça. Indiscutivelmente a principal agente no desenvolver da trama trágica, Clitemnestra alimenta paciente e incansavelmente seu ódio e sua sede de vingança, trai o marido, planeja sua morte; hipocritamente – e lembremos que etimologicamente *hypokrites* significa ator –, antes de, literalmente, envolvê-lo numa rede e imobilizá-lo para matá-lo, o faz cair em uma rede de palavras de duplo sentido, como nos versos 1077 e 1079:

*Também os fortes podem dar-se por vencidos.
Confia em mim e condescende na vitória!...*

Nos versos 1033 a 1035, leva-o a cair em mais uma falta:

*Agora, criatura amada, sai depressa
do carro em que vieste; não, não deves pôr
no chão os mesmos pés que devastaram Tróia!*

Depois de matá-lo e matar Cassandra, confessa o plano, nos versos 1587 a 1597:

*Contempro enfim o resultado favorável
de planos pacientemente preparados.
...
emaranhei-o numa rede indestrutível
igual às manejadas pelos pescadores,
mas para ele um manto fértil de desgraças.*

E justifica-se perante o Coro - com palavras que não podemos afirmar falsas -, atestando a força do Destino e redimindo-se junto ao público, nos versos 1617 a 1619 e 1642 a 1685:

*Se este homem fez a taça transbordar
das maldições inumeráveis desta casa,
é natural que a sorva hoje de um só trago!*

*... ele, sem escrúulos, sem dó,
...
sacrificou a sua própria filha - e minha -,
...
apenas para bajular os ventos trácios!
...
pela justiça feita em nome de uma filha,
pelo Destino, pelas Fúrias vingadoras
a quem dedico o sacrifício deste homem,
...
Aí está por terra o homem que humilhou
a própria esposa entregue à triste solidão
mas foi o encanto das Criseidas lá em Tróia.*

Confirma ainda a força do miasma, e disso se vale como álibi para seu discurso, nos versos 1718 a 1723 e 1743 a 1749:

*ao gênio insaciável que persegue
inexoravelmente esta família.
A sede atroz de sangue nos vem dele,
enraizada em nosso próprio ser;
... sob a forma
da companheira deste homem morto
foi na verdade o gênio vingador
acerbo e antiquíssimo de Atreu,
do anfitrião cruel, que se quitou
do sacrifício ímpio de crianças
ao imolar agora este guerreiro.*

Cassandra, filha de Príamo, rei de Tróia morto na guerra, é trazida para Argos como presa de guerra, para ser escrava de Agamêmnon. Outra mulher, e sem o sangue dos Atreus, na maldição se vê envolvida de diversas maneiras. Sendo profetisa, contempla as visões dos crimes de sangue já cometidos naquela casa, relembrando para o público os fatos ocorridos e já conhecidos, atestando a validade do miasma e testemunhando a realização de seus efeitos trágicos.

Nos versos 1241 a 1244, relata suas visões referentes à casa dos Atridas:

*Sim, detestada pelos deuses, cúmplice
de numerosas decapitações,
de fratricídios estarrecedores,
ensanguentado matadouro de homens!*

Ainda nos versos 1350 a 1362 e nos versos 1393 a 1397:

*...recuando nos caminhos,
farejo as marcas de homicídios antiquíssimos.
Debaixo deste teto nunca se afastou
um coro uníssonos mas não harmonioso:
... são as rubras Fúrias,
as implacáveis sanguessugas desta raça.*

...
*estão cantando o canto do primeiro crime;
depois amaldiçoam o leito fraternal
lançando imprecações a quem maculou.*

*Estais também agora vendo junto à porta
frágeis figuras infantis fantasmagóricas
iguais a formas espetrais em pesadelos?
Parecem criancinhas mortas por aqueles
que deveriam dedicar-lhes todo amor!*

Tendo visões do futuro próximo e do distante, conta ao público as cenas que ocorrem longe de seus olhos, a iminente morte do herói e a sua própria, além de preparar a platéia para a tragédia seguinte, enquanto traz verossimilhança a suas profecias e reafirma o poder da maldição.

Nos versos 1268 a 1273 antevê o crime contra Agamêmnon e confirma a ação das Fúrias:

*Oh! Que visão é essa? ...
... O véu fatal que julgo ver
vem dela, companheira de seu leito
e cúmplice do crime. Vocifera
o bando furioso que persegue
ainda e sempre essa eminente raça.*

Enquanto, nos versos 1427 a 1429, clama por vingança, reforçando a maldição:

imploro ao sol, diante desta luz mortiça, que dê aos inimigos fim igual ao meu.

Nos versos 1466 a 1482, Cassandra anuncia o fim da maldição, com a vinda do vingador (que será Orestes), reafirma o poder dos deuses e do miasma, e se coloca como objeto de vingança nas mãos de Apolo:

*A morte é o desenlace a que o deus profeta
destina a profetisa que antes inspirou.
Mas não há morte sem vingança de algum deus.
Virá um dia mais um vingador – o nosso –
Nascido para exterminar a própria mãe*

*e castigar a morte inglória de seu pai.
Um exilado errante, expulso desta terra,
regressará para assentar a pedra última
neste edifício das inúmeras desgraças
impostas a esta raça antigamente próspera.
Um juramento foi solenemente feito
e confirmado pelos deuses inflexíveis:
há de o paterno apelo ingente, cedo ou tarde,
fazê-lo retornar inevitavelmente.*

Cassandra se vê ainda, de vítima que é, usada por Clitemnestra como pivô para a morte de Agamêmnon e, por esse mesmo motivo, novamente vítima, sendo também assassinada, o que prevê nos versos 1447 a 1452:

*na ausência do leão feroz, matar-me-á.
Ai! Infeliz de mim! Na taça de veneno
que manipula já está a minha parte.
Com o pérfido punhal que afia vai vingar-se
do esposo inerme apenas por me haver trazido
com ele, misturada a seus troféus de guerra.*

Assim, Cassandra contribui para a formação do ato trágico, pois Agamêmnon, além de ter imolado a filha dele e de Clitemnestra e ter abandonado a esposa para ir à guerra, traz a amante para o palácio, para o convívio com a família. Cassandra, com sua astúcia impotente, entendeu isso, e sua percepção foi confirmada por Clitemnestra, após os crimes, ao revelar, nos versos 1673 a 1684:

*Aí está por terra o homem que humilhou
a própria esposa entregue à triste solidão,
mas foi o encanto das Criseidas lá em Tróia.*

...
*Não foi imerecida a sorte que tiveram.
Ele por certo a trouxe para seu deleite...*

Cassandra sabe e expressa (v. 1488 e 1489) o que lhe vai acontecer em seguida, enquanto caminha para seu fado, entregando-se assim à impossibilidade de se escapar à força dos desígnios dos deuses e do Destino.

Quando Clitemnestra mata o marido e mata Cassandra, uma inocente, desenha-se um conflito com a insolubilidade do trágico, e engendrado por personagens que não podem ser vistos unicamente como vítimas ou vilões, pois são ambas as coisas ao mesmo tempo.

Movidas pelas mãos do destino, pela vontade dos deuses, ou por suas próprias decisões, essas três mulheres, Helena, Clitemnestra e Cassandra, em cujas

veias não corre o sangue dos Atridas, são as propulsoras e aglutinadoras das tramas que paralelamente se desenvolvem e se entrelaçam, provocando a seqüência de fatos que caracterizam a oscilação entre sacrifício, culpa, vingança, expiação e fatalidade, ligadas à maldição hereditária que persegue a raça dos Atridas, sobre a qual Ésquilo constrói a tragicidade de *Agamênon*. A maldição da casa dos Atridas - casa, como raça e como palácio de Argos, onde o humano e o sagrado se conflitam, onde se concentram crimes e castigos, onde a razão dos atos transcende a razão de quem os comete!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÉSQUILO. *Oréstia: Agamêmnon, Coéforas, Eumênia*. tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. – 4 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

HOMERO. *Odisseia (em versos)*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. – Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. Canto I.

KITTO, H. *A tragédia grega – Estudo literário*. Tradução de Dr. José Manuel Coutinho e Castro. - 3 ed. – Coimbra: Armênio Amado, 1972.

Letras Clássicas. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997.

MÉNARD, R. *Mitologia e arte*. Tradução de Aldo Della Nina. – São Paulo: S. A. Edameris. V. 2.

SOUZA, E. Homens e deuses na Oréstia de Ésquilo. *Letras Clássicas*. São Paulo, p. 9-27: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997.